

**BATE-PAPO • Carlos Lapa**

## “A mandioca é mãe”

Fotos: Alessandro Vale



*Durante as gravações de depoimentos para o vídeo-documentário sobre a adoção e impacto de variedades de mandioca melhoradas no bioma Caatinga, atividade do projeto “Impacto da pesquisa participativa do melhoramento genético da mandioca no bioma Caatinga”, entrevistamos Carlos Lapa, presidente da Cooperativa dos Produtores de Farinha de Mandioca do Município de Campo do Brito (SE). Ele faz um histórico da cooperativa e fala sobre a situação da variedade ‘BRS Kiriris’ na região.*

### Quando começou a cooperativa?

**Carlos Lapa** – Temos 11 anos de luta. Começou com o programa que a Fundação Banco do Brasil criou pra gente aqui, o chamado DRS [Desenvolvimento Regional Sustentável]. Eu era presidente da Associação de Moradores do Povoado Gameleira. Então, quando o governo lançou esse programa, nos procurou para que a gente pudesse ampliar o beneficiamento para a nossa família, porque a gente sabia fazer a farinha, mas vendia em saco. A proposta era vendermos a farinha em pacote, tudo direitinho como a legislação pede. Fizemos o projeto, mandamos via associação, a fundação não aceitou. Mas daí fundamos a cooperativa em 2006. Já são sete anos de cooperativa registrada. Criamos a nossa marca, hoje chegamos a vários mercados, Cesta do Povo etc. Tudo conquistado pela organização da gente. É uma luta que agora está dando resultados. Já temos também o Centro de Derivados onde trabalham 16 mulheres de cooperados e filhos de cooperados, onde se produz muito alimento saboroso de mandioca. Vai para a merenda escolar, eventos da prefeitura... A gente está tendo uma grande alegria de desenvolver várias

coisas dentro da nossa agricultura da mandioca. Hoje são 82 cooperados, todos donos de casas de farinha.

### Em relação a ‘BRS Kiriris’, como tem sido a adoção por esses agricultores?

**CL** – Eu participava de eventos da Emdagro [Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe] e da Embrapa, e sempre os técnicos falavam dessa mandioca, que aguentava a podridão. Aqui já tínhamos muitas áreas que não produziam mais nada. O povo estava plantando capim para gado, palma... E fiquei curioso com essa variedade. Consegui um lotezinho de manivas e plantei. No ano seguinte, plantei um maior. No terceiro ano, distribuí para a comunidade, e hoje eu já tenho 95% a 98% da área com essa variedade, conhecida aqui como Vermelhinha. Ela se adequou ao nosso solo. Quem trata e aduba bem está tendo uma média de 25 toneladas por hectare. Ela tomou conta do município todo. Cresce rápido e coloca muita raiz. E também ninguém ouviu falar mais da podridão da raiz. Terreno que não produzia mais está cheio de mandioca. É um produto barato, mas dá para sobreviver, a gente nunca passou fome. A mandioca

é mãe. Sinto prazer de fazer esse trabalho com a comunidade. Hoje todo mundo está tendo resultado.

### E sobre a área de demonstração da Embrapa?

**CL** – Agora estamos aqui com campo de demonstração da Embrapa com 42 variedades. Pode ser que alguma seja até melhor que a Vermelhinha na produção, para farinha etc., mas, para o terreno que tenha doença, quem resolve é ela. Gostei do jeito que eles plantam e trabalham nessa área. Eu não ia nem plantar mais, mas, do jeito que eu vi a Embrapa trabalhando, eu disse: “Vou plantar a minha também”. Plantei e já tá “nascidinha”. Estamos esperando agora começar a fazer reuniões com os produtores que nunca viram plantando daquele jeito, para eles aprenderem a plantar como a Embrapa vem plantando no campo de demonstração, para ter uma quantidade de raiz maior do que a gente planta. Temos toda a assistência da Embrapa de Aracaju [Embrapa Tabuleiros Costeiros]. O campo já está bem nascido e vamos ver qual a variedade que mais vai se adequar. Não acredito que vai ter melhor do que a Vermelhinha, não! [risos]. ■